

# COMO SE FABRICA UM HOMEM DO MAR? CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MASCULINIDADES NO MEIO HOMOSSOCIAL DA PIRATARIA MODERNA (SÉCULOS XVII E XVIII)

*HOW IS A SEAMAN MADE? CONSIDERATIONS ABOUT  
MASCULINITIES IN THE HOMOSOCIAL ENVIRONMENT OF  
MODERN PIRACY (17TH AND 18TH CENTURIES)*

**Camila Acosta Queiroz<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de análise de grupos piratas que atuaram no Atlântico entre a segunda metade do século XVII e início do século XVIII a partir da ótica de gênero. Para isso, utilizei como fonte o primeiro volume da edição inglesa da obra *A General History of the Pyrates* (1724). Assim, trago considerações gerais sobre a pirataria moderna, ancoradas em Rediker e Linebaugh (2008) e Benton (2010), apresento pesquisas em torno de questões de gênero e sexualidade na pirataria, discutindo os trabalhos de Burg (1995) e Turley (1999) e, por fim, apresento minha análise com base nas propostas de Connell (1995, 2000) e Scott (1995).

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to present a proposal for the analysis of pirate groups that acted in the Atlantic between the second half of the seventeenth century and the beginning of the eighteenth century from a gender perspective. For this purpose, I used as a reference the first volume of the English edition of *A General History of the Pyrates* (1724). Thus, I bring general considerations about modern piracy, anchored in Rediker and Linebaugh (2008) and Benton (2010), present research around issues of gender and sexuality in piracy, discussing the works of Burg (1995) and Turley (1999) and, finally, present my analysis based on the proposals of Connell (1995, 2000) and Scott (1995).

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo PPGH/UFSM e bolsista CAPES. Tem interesse em pesquisas sobre hidrarquia, gênero e pirataria na idade moderna. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2532496074321857> Contato: [camilaacosta1901@gmail.com](mailto:camilaacosta1901@gmail.com).

**Palavras chave:** Pirataria moderna. Gênero. Masculinidades  
**Keywords:** Modern piracy. Gender. Masculinities.

## **Introdução**

A figura do pirata moderno, ou pelo menos seu estereótipo, se mantém viva e se reconstrói na memória e nos usos do passado bem longe do lugar de origem dos cães do mar elisabetanos. A Era de ouro da pirataria, período assim chamado pela atuação incisiva de piratas na região do Atlântico e pela volumosa produção literária sobre tais sujeitos, ainda hoje ressoa nas memórias daqueles que adentraram no mundo do corajoso Edward Kenway, do anti-herói Jack Sparrow ou que andaram na prancha com o grupo brasileiro Tchakabum no início dos anos 2000.<sup>2</sup>

Grande parte do que chamamos de Pirata imaginário, termo cunhado na dissertação de mestrado do mexicano Andrés Ulpiano Alba Bajatta (2018), foi forjada, de início, a partir da disseminação de uma das obras canônicas da era de ouro da pirataria que leva o modesto título *A general History of the pyrates from their first rise and settlement in the Island of Providence, to the present Time. With the remarkable actions and adventures of the two Female Pyrates Mary Read and Anne Bonny* (1724), aqui, referida como *General History*. Trata-se de um conjunto de biografias de piratas que atuaram no Atlântico entre os séculos XVII e XVIII cuja autoria é atribuída a Daniel Defoe (1660-1731).<sup>3</sup>

O conceito se refere a ideia de pirata enquanto ser simultaneamente histórico e ficcional, isto é, ficção<sup>4</sup> e realidade passam a ser elementos complementares que formaram uma figura e uma ideia de pirata (BAJATTA, 2018, p. 2-3). Analisar comunidades piratas através dessa documentação, portanto, exige que olhares dicotômicos dêem lugar à interpretações que considerem ambivalências e ambiguidades. Além do trabalho de Bajatta, a literatura sobre a pirataria já foi objeto de estudo em outros trabalhos historiográficos nacionais que enriquecem os debates

<sup>2</sup> Respectivamente, principal personagem do jogo Assassin's Creed IV: Black Flag, protagonista da saga Piratas do Caribe (DISNEY, 2003) e a música do grupo de axé intitulada Onda-onda (2001).

<sup>3</sup> Foi um escritor e jornalista inglês, entre suas principais obras estão Robinson Crusóe (1719), Capitão Singleton (1720) e Moll Flanders (1722).

<sup>4</sup> O caráter ficcional da obra é atribuído ao seu segundo volume (1724). Aqui trabalharemos com o primeiro, também de 1724.

e inserem as produções brasileiras sobre a temática em um debate que é majoritariamente anglófono.<sup>5</sup>

No estudo aqui apresentado, entretanto, o objeto de estudo se centra menos na literatura sobre pirataria que naqueles que atuavam propriamente como piratas no Atlântico nos fins do XVII e início do XVIII. Por se tratar de um conjunto de biografias nas quais Defoe inclui documentos judiciais, imagens e relatos, consideramos que a *General History* permite identificar e compreender nuances sobre as formas de organização das comunidades piratas. Conforme Jonaedson Carino, a escrita da biografia acompanha uma diversidade de finalidades, como exaltar, criticar, demolir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, entre outras, de modo a construir uma pedagogia do exemplo (CARINO, 1999, p. 154). Acreditamos que ao relatar a vida dos piratas biografados, Defoe, conscientemente ou não, inclui referências às masculinidades nas histórias desses sujeitos na medida em que o gênero opera como categoria estruturante das relações sociais, o que será abordado adiante. Neste trabalho parto de uma explanação sobre as configurações sociais da chamada pirataria moderna com base no conceito de hidrarquia, e adentro nas pesquisas sobre sexualidade, gênero e pirataria. Por fim apresento minha proposta interpretativa: considerar que, pelo menos em parte, as relações sociais construídas na hidrarquia perpassam por questões de gênero.

### **Quem são os homens do mar**

Daniel Garrido Calixto em sua tese de doutorado *Las ordenanzas de corso y el marco de actuación corsario* (2016) afirmou que os piratas eram “[...] indivíduos que, por ganância, sem instrução, por maus instintos, transtornos mentais e/ou, em algum momento, rejeitados pela sociedade em que viviam, embarcaram na aventura marítima de roubo, roubo, extorsão, sequestro e homicídio, conforme os casos, sempre com violência e fora da lei” (Tradução nossa, CALIXTO, 2016, p. 168).

---

<sup>5</sup> Para mais pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre pirataria moderna, ver: COSTA, 2016; SARTORETTO, 2017. Para mais sobre a pesquisa anglófona sobre pirataria ver: ROSENTHAL, 2012, p. 381-390.

***Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238**

Embora essa afirmação se relacione com a construção do Pirata Imaginário, os homens que atravessavam os limites jurídicos e jurisdicionais em meados da Idade Moderna correspondiam antes à categoria de trabalhadores marítimos que criminosos em tempo integral. Conforme indica Milton Zambrano Pérez, tanto o contrabando como a pirataria não podem ser encarados como um problema ético, mas sim como o exercício de uma espécie de soberania relativa (PÉREZ, 2007, p. 37). O autor aponta que a pirataria surgiu aos trabalhadores do mar como uma oportunidade de se livrar da miséria em virtude da promessa de grandes botins. (PÉREZ, 2007, p. 23-56). Como Richard Blakemore observou, é necessário estudar a agência de marinheiros na história marítima dentro de sua complexidade, considerando os limites e as possibilidades desses sujeitos históricos (BLAKEMORE, 2014, p. 251-274).

O historiador Marcus Rediker, em parceria com o pesquisador Peter Linebaugh, desenvolveram uma proposta para compreender o que exatamente eram os grupos piratas na idade moderna através da perspectiva de classes.<sup>6</sup> Em *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário* (2008), os autores sustentam que a pirataria moderna se originou a partir da oposição entre Estado marítimo e hidrarquia. Isto é, entre o domínio imperial pelos oceanos e o empreendimento ilegal dos piratas, que agiam contra as coroas. Os autores apontam que os grupos piratas do século XVII eram formados por ex-trabalhadores das marinhas oficiais que passaram a se organizar em prol de seu próprio benefício, uma forma de organização conceituada como hidrarquia (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 175). Isto é, somando sua experiência em navegação com a coesão baseada em respeito, igualdade e afetividade, os trabalhadores do mar passaram a se organizar em grupos alheios à coroa e atuar nos oceanos de forma ilegal frente as jurisdições imperiais. (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 175).

Entretanto, apesar da diversidade étnico-cultural, havia um elemento que tornava o coletivo de marinheiros uniforme: a classe, que para o conceito de

---

<sup>6</sup> O recorte espacial dos autores se limita à marinha inglesa, entretanto, Lauren Benton (2010) indica que esse processo abrange outros impérios para além da Inglaterra. A autora sustenta que a criação e fortificação de Estados marítimos operou como recurso político para a construção de jurisdições que se atendessem regiões além da terra, estendendo os domínios imperiais. Esse fator conectou as metrópoles e suas colônias na modernidade, com impactos diretos no controle colonial.

***Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238**

hidrarquia de Rediker e Linebaugh, é uma categoria fundamental. Os autores indicam que a partir de dura vivência no cotidiano em alto-mar, os trabalhadores marítimos passaram a desenvolver laços de sociabilidade entre seus pares, consolidando uma cultura ímpar com normas de ética e práticas de lazer particulares (p. 161-167). Um desses desdobramentos pode ser identificado como o gradual surgimento desse posicionamento cada vez mais oposto às marinhas oficiais. A partir da segunda metade do século XVII os trabalhadores marítimos passaram a se organizar em um mundo paralelo àquele do Estado marítimo e atacar autoridades mercantis e imperiais, configurando um novo desdobramento da hierarquia marítima, a hidrarquia dos marinheiros, a pirataria.

É com base nos princípios de funcionamento dessa “hidrarquia de baixo para cima” que as comunidades piratas regiam a si mesmas em alto-mar. O conceito de hidrarquia corresponde, portanto, às formas de organização e aos laços afetivos desenvolvidos entre os trabalhadores do mar do século XVII que se organizavam como piratas. Em razão das configurações particulares da hidrarquia, os autores definem o navio pirata como “democrático em uma época não democrática, e igualitário em tempos hierárquicos” (LINEBAUGH, 2008, 175). Em síntese, na longa duração a ação do Estado marítimo deu origem à hidrarquia dos marinheiros, seu oposto complementar. Assim, observamos o estabelecimento de um microcosmo cujo funcionamento era regido por noções de igualitarismo e nuances democráticas se deu em consequência da experiência daqueles trabalhadores nas marinhas oficiais e mercantes. Por essa razão, a hidrarquia não apenas é o oposto do Estado Marítimo, mas fruto dele.

### **Pirataria e gênero**

Questões envolvendo sexualidade na pirataria começaram a adentrar nos estudos sobre a temática sobretudo através do trabalho de Barry Burg (1995), precursor no tema. Burg, em *Sodomy and the pirate tradition: English sea rovers in the seventeenth century Caribbean*, propõe traçar paralelos entre a socialização que acontecia nas prisões dos anos 70 e aquela que acontecia na pirataria do século XVII a partir de um fio condutor, a homosociabilidade. Burg indica que o pirata da era

***Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238**

dourada era um indivíduo que recusava quaisquer padrões e normas estabelecidas social e juridicamente. Por essa razão, segundo seu raciocínio, os piratas também “abriram mão” das convenções sociais em termos de sexualidade<sup>7</sup> e viviam em uma comunidade na qual o homoerotismo era plenamente aceito e incentivado. Como indica o autor:

A monotonia suportada pelos condenados era provavelmente tão severa para os piratas, restrita como muitas vezes aos conveses de pequenos navios e cercada apenas por um horizonte ininterrupto. A eficácia com que a falta de estímulo sensorial reduz a atividade sexual é altamente problemática. Embora seja assumido por um número de autoridades para entorpecer os sentidos e desejos, pode ser que o tédio aumente a excitação erótica por pura falta de diversão alternativa. Mas qualquer que seja o efeito da monotonia na frequência sexual de qualquer grupo, os bucaneiros diferiam dos prisioneiros porque não estavam isentos de situações sociais que exigiam uma resposta sexual. Praticantes bem-sucedidos do ofício de bucaneiro muitas vezes tinham ocasião para beber e festejar depois de batalhas bem-sucedidas. A captura de prêmios, muitos contendo amplo estoque de bebidas alcoólicas, levou a cenas de deboche que são bem narradas na literatura de pirataria. O clima benigno das Caraíbas pode também ter conduzido a situações conducentes ao contacto sexual ou ao excesso. As águas quentes apodrecem rapidamente entre as tábuas e encorajam a proliferação de variados organismos marinhos que se afixam nos cascos ou se aborrecem nas tábuas. Os efeitos da água quente, do calor e de várias criaturas, todos combinados para aumentar a necessidade de manutenção do navio. Quando os piratas desembarcavam em cais isolados ou portos seguros e cuidavam dos seus navios, as folias selvagens acompanhavam frequentemente o trabalho de raspar, calafetar e revestir os cascos dos navios com enxofre e alcatrão (Tradução nossa, (BURG, 1995, p. 109-110).

Não é necessária uma longa análise através dos discursos de Burg para perceber uma perspectiva no mínimo determinista ou pouco complexa quando se trata de analisar homoerotismo ou espaços homosociais. A ideia de que homens convivendo juntos tendem a estabelecer relações homoeróticas devido ao clima ou a monotonia desconsidera a ideia de que gênero é uma relação complexa que perpassa por diferentes esferas da vida social, o que será abordado adiante.

Outro trabalho relevante que se propõe a refletir sobre a temática é *Rum, Sodomy and the Lash* (1999), do historiador Hans Turley. Turley propõe utilizar a

---

<sup>7</sup> Para mais sobre legislação inglesa contra sodomia e a relação com a pirataria ver (KEEGAN, 2021).

literatura sobre pirataria como objeto de estudo a fim compreender como os escritores do século XVIII percebiam o pirata e demonstrar como este veio a ser retratado como um criminoso anti-herói romantizado hipermasculino. Para sua análise, o autor utiliza diferentes obras cuja autoria é atribuída a Daniel Defoe, isto é, a *General History* (1724), *Captain Singleton* (1720) e *Robinson Crusoe* (1719). Nesse sentido, o que Turley propõe denominar como *Piratical Subject* se trata de uma fusão entre o criminoso econômico, o transgressor cultural e o anti-herói, forjada através da literatura na era dourada da pirataria (TURLEY, 1999, p. 59).

De acordo com Turley, a ameaça dos piratas ao comércio se fundiu com narrativas que sugerem que o pirata tem desejos “não naturais” de viver em uma sociedade só de homens, em uma cultura que transgride as normas inglesas (TURLEY, 1999, p. 61-62).<sup>8</sup> Tanto Burg (1995) como Turley (1999) defendem o mundo pirata como um espaço social que permite o desempenho de identidades sexuais pouco ortodoxas, e, sobretudo, que esse espaço foi construído por um desejo coletivo de viver em uma comunidade homosocial e socialmente transgressora (JOWITT, 2004, p. 3).

Entretanto, para considerar as ambiguidades e ambivalências na pirataria moderna cabe observar como tais comunidades agiam na realidade. Como apontado por Rediker e Linebaugh, os sujeitos que formavam os grupos de piratas a partir do século XVII o fizeram antes pelas demandas coletivas estabelecidas pela experiência nas marinhas, que por um sentimento coletivo de rejeição aos padrões sociais. Outra maneira de identificar que os piratas não rejeitavam completamente as jurisdições estabelecidas é através da pesquisa desenvolvida pela historiadora Lauren Benton em *A search for sovereignty: law and geography in European Empires, 1400–1900* (2010). Benton conecta história do direito e da geografia a fim de compreender a construção de autoridades e soberanias europeias sobre os oceanos. Embora esses espaços não compreendam as formas de controle territorial convencionais, também não representam um espaço vazio de ação humana. Benton procura enfatizar os esforços

---

<sup>8</sup> Tanto o trabalho de Burg quanto o de Turley têm como um dos recortes espaciais a Inglaterra do século XVII, por isso as referências às marinhas e legislações inglesas. Nesse trabalho lido com comunidades piratas de origens diversas e que se caracterizam por estarem constantemente em movimento através do Atlântico, assim, embora *General History* tenha sido publicada na Inglaterra, o objeto de pesquisa que observo através dessa documentação não se limita a um recorte espacial fixo.

coletivos por parte dos impérios no sentido de expandir suas autoridades rumo aos oceanos. Tal empenho é ilustrado, em grande parte, por trabalhadores do mar que fogem das vistas dos governos em terra (BENTON, 2010, p. 11). Afinal, conforme afirma o historiador Denver Brunsman “sem marinheiros, não há Marinha; sem Marinha, não há Império” (BRUNSMAN, 2019, p. 11).

Nessa perspectiva, a autora identifica que mesmo aqueles que cometeram crimes contra os impérios em alto mar reforçaram a legislação imperial e contribuíram para sua manutenção. Milton Zambrano Pérez (2007) atenta à dificuldade de conceituar e definir pirataria em um mundo moderno marcado pela instrumentalização da criminalidade como estratégia de batalha em diversas esferas de conflitos (PÉREZ, 2007, p. 23-56). Há uma linha tênue entre o que era ilegal mas alinhado aos interesses de uma coroa e o que era ilegal e oposto a ela. A criminalidade em alto-mar possui desdobramentos diversos e não é monopólio dos piratas, muito menos de “forças” contrárias às grandes coroas. Na modernidade, pirataria, corso e contrabando foram utilizados a serviço de impérios como formas de influenciar o comércio de nações inimigas e controlar territórios marítimos.

Os corsários, por exemplo, eram aqueles que embora saqueassem navios, possuíam uma permissão oficial para fazê-lo. Isso era certificado através de uma Carta de Corso, um documento que estabelecia uma espécie de aliança com uma Coroa e concedia ao capitão a permissão para roubar navios de nações inimigas de seu contratante (SARTORETTO, 2017, p. 42). Dessa forma, a principal diferença entre corso e pirataria é a legitimidade jurídica de ambos. Benton percebe que na medida em que os marinheiros concebiam o mar como um espaço de passagens que se interconectam, as ideias por eles sustentadas eram semelhantes às imperiais (BENTON, 2010, p. 12). Isto é, compreendia-se que a jurisdição imperial se estendia pelo oceano através de faixas imaginárias marcadas pelas passagens dos navios e que eram reafirmadas mesmo por aqueles que agiam ilegalmente.

Dessa maneira, embora tenham inaugurado o debate sobre o tema, as considerações trazidas em *Sodomy and the Pirate Tradition* (1995) e *Rum, sodomy and the lash* (1999) merecem ser revisitadas a partir de perspectivas que considerem a complexidade e as particularidades de categorias como gênero, sexualidade e



masculinidade. Por essa razão, pretendo partir da ideia já abordada e sustentada por Burg e Turley de que as comunidades piratas constroem a si mesmas em um ambiente indubitavelmente homosocial. Entretanto, proponho alinhar a análise de *General History* com discussões teóricas sobre gênero e masculinidades a fim de, justamente, generificar o objeto de estudo.

### **Uma história “generificada”, uma proposta interpretativa**

Daniel Garrido Calixto aponta que o pirata na idade moderna era um indivíduo que desenvolvia sua existência em um ambiente espacialmente alterado, sensível e sempre rodeado por mais homens (CALIXTO, 2016, p. 217). Somado a isso, em *The invisible Hook* (2009) o pesquisador Peter Leeson se refere aos grupos piratas como uma “comunidade movida pela testosterona” (Tradução nossa, LEESON, 2009, p. 174). Além disso, Defoe indica que o código de normas pirata estabelecido pelo capitão Bartholomew Roberts determinava em sua sexta regra:

Nenhum menino ou mulher deve ser permitido entre eles. Se algum homem fosse encontrado seduzindo alguém do último sexo e a levasse para o mar, disfarçado, ele sofreria a morte; de modo que, quando algum caiu em suas mãos, como aconteceu no Onslow, eles colocaram um Centinela imediatamente sobre ela para evitar más consequências de um instrumento de divisão e briga tão perigoso; [...]; eles discutem quem será o Centinela, o que geralmente acontece com um dos maiores valentões, que, para garantir a virtude da Senhora, não permite que ninguém se deite com ela, exceto ele mesmo (Tradução nossa, DEFOE, 1999 [1724], p. 275-276).<sup>9</sup>

Além disso, as duas capitãs mulheres que são retratadas em *General History* ingressaram na pirataria disfarçadas de homens. Conforme narra Defoe sobre a pirata Mary Read:

---

<sup>9</sup> No original: “No Boy or Woman to be allowed amongst them. If any Man were found seducing any of the latter Sex, and carry’d her to Sea, disguised, he was to suffer Death; so that when any fell into their Hands, as it chanced in the Onslow, they put a Centinel immediately over her to prevent ill Consequences from so dangerous an Instrument of Division and Quarrel; [...]; they contend who shall be Centinel, which happens generally to one of the greatest Bullies, who, to secure the Lady’s Virtue, will let none lye with her but himself.”

Ela assume novamente seu traje masculino e, indo para a Holanda, assume um regimento de infantaria, aquartelado em uma das cidades da fronteira: aqui ela não permaneceu muito tempo, não havia probabilidade de preferência em tempos de paz, portanto ela assumiu uma resolução de buscar sua fortuna de outra maneira; e retirando-se do Regimento, embarca-se a bordo de um Navio com destino às Índias Ocidentais (Tradução nossa, DEFOE, 1999 [1724], 220).<sup>10</sup>

Ou seja, embora o navio pirata seja composto por uma variedade étnico-cultural considerável,<sup>11</sup> observamos um ambiente de socialização homossocial e de condições hostis para a sobrevivência. Julie Hardwick, indica que as pesquisas historiográficas sobre o Antigo Regime e gênero, via de regra, debatem em torno da hierarquia de gênero e como os padrões de mudança reformulam as expectativas e experiências dentro da lógica de gênero. Assim são tomadas duas vias de análise: as naturezas mutáveis das experiências entre homens e mulheres e a maneira como o gênero teve papel integral nas mudanças políticas, culturais e econômicas do período (HARDWICK, 2012. p. 183-200, p. 183-184). Este trabalho busca somar a ambas linhas de análise na medida em que proponho apresentar tanto o caráter social das masculinidades quanto a forma como elas permitiam determinadas relações.

O trabalho de Joan Scott *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), é paradigmático em relação à maneira como a análise historiográfica passou a considerar o que chamamos de gênero. De acordo com Torrão Filho, encarar

---

<sup>10</sup> No original: "*She again assumes her Man's Apparel, and going into Holland, there takes on in a Regiment of Foot, quartered in one of the Frontier Towns: Here she did not remain long, there was no Likelihood of Preferment in Time of Peace, therefore she took a Resolution of seeking her Fortune another Way; and withdrawing from the Regiment, ships herself on board of a Vessel bound for the West-Indies.*"

<sup>11</sup> Rediker e Linebaugh (2008, p. 162-167) enfatizam que apesar de legislações estipularem uma tripulação majoritariamente composta por ingleses, os navios da marinha inglesa do século XVII eram compostas não apenas por ingleses, como também irlandeses, holandeses, americanos e até mesmo africanos. Dessa maneira, o navio pirata do século XVII era composto por uma "multidão mista de todos os países" que se comunicavam eficientemente. A tripulação de Black Sam Bellamy em 1717, por exemplo, incluiu britânicos, franceses, holandeses, espanhóis, suecos, nativos americanos, afro-americanos e africanos libertos de navios negreiros. Já a tripulação do George Galley em 1724 era formada por ingleses, galeses, irlandeses, escoceses, suecos e dinamarqueses (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 177). Além disso, Peter Leeson (2009, P. 157-158), indica que os navios piratas da segunda metade do XVII e primeira do XVIII também contavam com uma tripulação negra livre. Leeson indica, por exemplo, que 61% tripulação do Capitão Hamlin (1682) era composta por homens negros, de modo semelhante, marinheiros negros representavam cerca de 38% da tripulação do Capitão Williams (1717).

***Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238**

gênero enquanto uma categoria de análise não somente acrescenta temáticas ao debate, mas propõe uma transformação nas premissas das quais se parte para a análise historiográfica (TORRÃO FILHO, 2005, p. 3). O que Scott propõe, em linhas gerais, é tratar gênero como um elemento estruturante de relações sociais cuja base se localiza nas diferenças entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 86). Sob essa perspectiva é possível partir para questionamentos como “como o gênero funciona nas relações sociais? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise” (p. 74-75).

Isto é, através da proposta de Scott nos é possível compreender não apenas a chamada história das mulheres mas também das relações sociais fabricadas a partir da interação entre sujeitos que operam sua existência dentro de categorias generificadas e compreender, por consequência, a composição dessas relações. Conforme indica Torrão Filho (2005, p. 10): “A partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo é um meio de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 10).

Scott considera os gêneros masculino e feminino como construções socioculturais através das quais as diferenças sexuais sustentam a organização social de diferentes comunidades (SCOTT, 1995, p. 72), nesse sentido, cabe a nós, enquanto historiadores, explorar os modos através dos quais as identidades de gênero são fabricadas e compreendê-las com as demais relações e campos sociais situados historicamente (SCOTT, 1995, p. 88). Na perspectiva de Scott, portanto, as demais configurações sociais também são forjadas a partir da interação entre sujeitos que operam dentro da categoria de gênero, nesse sentido, o masculino só pode ser compreendido quando relacionado ao feminino e vice-versa (TORRÃO FILHO, 2005, p. 19). De acordo com a autora, o gênero converte seres biológicos como machos e fêmeas – e cabe também considerar pessoas intersex – em seres sociais, isto é, homens e mulheres, de modo que as diferenças biológicas não determinam as desigualdades que fazem parte de suas relações (SCOTT, 1992, p. 89). Isto significa que gênero deve ser entendido como uma relação.

Para compreender tal relação proponho recorrer a outro trabalho do campo das humanidades, *Masculinities* (1995), de Raewyn Connell. Na medida em que consideramos gênero como uma relação que é construída – e se constrói – nas diferentes esferas da vida social, como propõe Scott, podemos alinhar tal perspectiva com a de Connell conforme esta última propõe que as masculinidades são configurações de práticas estruturadas pelas relações de gênero (CONNELL, 2005, p. 44). Nesse sentido, “[...] gênero não é fixado no avanço da interação social, mas é construído na interação” (Tradução nossa, p. 34).<sup>12</sup> Ou seja, as relações que constroem as masculinidades são dialéticas e dependem profundamente das demais configurações sociais nas quais são construídas. As masculinidades, portanto, são genuinamente históricas. Seus desdobramentos dependem de espacialidade e temporalidade, de forma que estão suscetíveis à mudanças de acordo com mudanças em outras esferas. Por essa razão, as masculinidades são diversas (p. 37-44).

Seguindo uma interpretação que correlaciona as propostas de Scott (1995) e Connell (1995), podemos analisar a fonte através da categoria de gênero, esta compreendida como uma relação construída de forma dialética cujas configurações se desdobram no que chamamos de masculinidade. Assim, podemos questionar, seguindo as orientações de Scott como operam as masculinidades nos microcosmos das comunidades piratas retratadas por Defoe, e como elas se relacionam com as demais esferas da vida social? (SCOTT, 1995, p. 88).

Aqui não podemos cair em uma lógica de relação direta entre os modelos de masculinidades presentes nas diferentes instituições em terra e as comunidades piratas. Conforme indica Arlette Farge em seu texto *Virilidades populares*: “Mesmo pouco letrados, os homens do povo vivem do nascimento à morte numa sociedade que os forma, inscrevendo neles códigos de conduta que às vezes eles têm a possibilidade de acompanhar, e às vezes de recusar” (FARGE, 2013, p. 286).

O que quero dizer é que não é possível construir uma relação direta na qual as masculinidades na hidrarquia serão nada além do que a reprodução das masculinidades em terra em decorrência das tripulações piratas serem formadas

---

<sup>12</sup> No original: “[...] gender is not fixed in advanced of social interaction, but is constructed in interaction.”

***Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238**

majoritariamente por antigos trabalhadores das marinhas. As masculinidades são construídas constantemente e variam conforme o meio no qual se inserem. Conforme Connell já indicava, as dinâmicas de construção das masculinidades variam conforme as configurações do meio o qual se observa (CONNELL, 2005, p. 36).

Além disso, também não podemos seguir o caminho de Burg (1995) e Turley (1999) e pensar que a homosociabilidade produzia relações por si mesma, isto é, que as masculinidades naquele meio eram produzidas por si só, sem operação dialética na construção do gênero. Por um lado, Scott afirma que “a idéia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino” (SCOTT, 1995, p. 82). Entretanto, minha proposta é que isso não significa que podemos interpretar que nos ambientes homosociais regidos pela hidrarquia repousava uma presença masculina tão potente que suprimia quaisquer referências ao feminino para sua formação enquanto comunidades masculinas. Observando a obra de Defoe percebemos que embora estejamos tratando de comunidades homosociais, a presença de elementos considerados femininos é crucial para a construção das masculinidades, mesmo que não se trate da presença efetiva de mulheres a bordo – os casos de Anne Bonny e Mary Read serão abordados adiante. Isto é, as masculinidades são construídas através das com seu “oposto complementar”.<sup>13</sup>

Obviamente, um dos tipos de encontros com mulheres acontecia quando os barcos atracavam em portos para reabastecer víveres ou em caso de atacar navios inimigos nos quais haviam mulheres. Esses contatos passavam, via de regra, pela esfera sexual. No capítulo que consta a biografia do capitão pirata Edward England, por exemplo, indica

O capitão England, depois dessa hesitação, entrou em um porto, limpou seu próprio navio e preparou o Peterborough, que ele chamou de Victory; eles viveram lá muito arbitrariamente por várias semanas, libertando-se com as mulheres negras e cometendo atos

---

<sup>13</sup>Aqui é válido ressaltar que minhas referências às ideias de masculino e feminino são ancoradas na documentação, de modo que não há menções a pessoas que fogem dessa binariedade em *General History*. Entretanto, a pesquisa histórica não pode perder de vista a ideia de agência de sujeitos que fogem da lógica binária de gênero.

tão ultrajantes que chegaram a uma ruptura aberta com os nativos, vários dos quais mataram, e uma de suas cidades eles estabeleceram em chamas (Tradução nossa, DEFOE, 1999 [1724], p. 181).<sup>14</sup>

E continua: "As mulheres que eles forçaram de maneira bárbara a seus desejos, e para recompensá-los, destruíram seus cacauzeiros e incendiaram várias de suas casas e igrejas"(p. 190).<sup>15</sup> Em outra passagem, no capítulo dedicado a biografia do capitão Teach, popularmente conhecido como Barba Negra, Defoe comenta que o pirata se casou com uma criatura, que aqui entenderemos como mulher, e que a obrigava a "se prostituir" com seis outros piratas enquanto ele assistia a cena:

Antes que ele embarcasse em suas Aventuras, ele se casou com uma jovem criatura de cerca de dezesseis anos de idade, o Governador realizando a Cerimônia. Como é costume casar-se aqui com um padre, também é lá com um magistrado; e essa, fui informado, tornou-se a décima quarta esposa de Teach. Das quais cerca de uma dúzia ainda podem estar vivas. Seu comportamento neste estado foi algo extraordinário; pois enquanto seu sloop estava na enseada de Okerecock [ocracoke] e ele em terra em Plantation, onde morava sua esposa, com quem depois de ter dormido a noite toda, era seu costume convidar cinco ou seis de seus companheiros brutais para desembarcar e ele a forçaria a se prostituir para todos eles, um após o outro, diante de seu rosto (Tradução nossa, p. 220).<sup>16</sup>

Nos trechos acima é possível observar uma relação com o outro – feminino – não apenas perpassando a esfera sexual como também adquirindo nuances de violência. Conforme indica Arlette Farge, masculinidades e virilidades não necessariamente são sinônimos de violência no mundo popular da idade moderna,

<sup>14</sup> No original: '*Captain England, after this Baulk, went into a Harbour, clean'd his own Ship, and fitted up the Peterborough, which he call'd the Victory; they liv'd there very wantonly for several Weeks, making free with the Negroe Women, and committing such outrageous Acts, that they came to an open Rupture with the Natives, several of whom they kill'd, and one of their Towns they set on Fire.*'

<sup>15</sup> No original: "*The Women they forced in a barbarous Manner to their Lusts, and to requite them, destroyed their Cocoa Trees, and fired several of their Houses and Churches.*"

<sup>16</sup> No original: '*Before he sailed upon his Adventures, he married a young creature of about sixteen Years of Age, the Governor performing the Ceremony. As it is a Custom to marry here y a Priest, so it is there by a Magistate; and this, I have been informed, made Teach's fourteenth Wife. whereof about a dozen might be still living. His behaviour in this State, was something extraordinary; for while his Sloop lay in Okerecock [ocracoke]inlet, and he ashore at Plantation, where his Wife lived, with whom after he had lain all Night, it was his Custom to invite five o six of his brutal companions to come ashore, and he would force her to prostitute her self to them all, one after another, before his Face.*'

entretanto, é impossível pensar a construção da hierarquia de gênero separada da violência em um período histórico no qual a violência perpassa toda a vida das classes populares (FARGE, 2013. p. 514-516). Isto é, a construção e reafirmação enquanto homem masculino perpassa, também, pela violência característica da hierarquia de gênero. Além disso, o comportamento *vouyer* de Barba Negra e o fato de Defoe não mencionar qualquer “perda de status” de Teach enquanto masculino revela o caráter múltiplo das masculinidades. No caso da comunidade pirata, o que o trecho acima indica é que participar de uma relação sexual que envolva outros homens não “desqualifica” o capitão enquanto masculino, ao tempo que reforça a hierarquia de gênero, relação através da qual são construídas tais masculinidades.

Além disso, proponho atentar às piratas mulheres Anne Bonny e Mary Read e às razões do êxito de seus disfarces. Connell já indicava o quanto a materialidade dos corpos é importante, isto é, corpos biológicos generificados terão desempenhos diferentes no mundo material e social tanto a partir das diferenças sexuais quanto a partir de outros elementos (CONNELL, 2005, p. 45-64). Assim, outra esfera na qual se constróem e se reafirmam as masculinidades é na materialidade dos corpos, isto é, do que eles podem ou não fazer. Anne Bonny e Mary Read, ambas mulheres que adentraram na vida pirata disfarçadas de homens, somente tiveram seus “segredos” revelados quando lhes era conveniente, desejado ou julgaram necessário. Na passagem seguinte Defoe indica que Mary Read decidiu revelar sua identidade quando se apaixonou por um colega marinheiro:

[...] mas não há nada mais engenhoso do que o amor, não foi difícil para ela, que já havia sido praticada nessas artimanhas, encontrar uma maneira de deixá-lo descobrir seu sexo: ela primeiro se insinuou em seu gosto, falando contra a Vida de um Pirata, à qual ele era totalmente avesso, então eles se tornaram Mes-Mates e Companheiros estritos: Quando ela descobriu que ele tinha uma Amizade por ela, como Homem, ela permitiu que a Descoberta fosse feita, por descuido mostrando seus seios, que eram muito brancos. O jovem companheiro, que era feito de carne e osso, teve sua curiosidade e desejo tão aumentados por esta visão, que ele nunca cessou de importuná-la, até que ela confessou o que era (Tradução nossa, DEFOE, 1999 [1724], p. 218-219).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> No original: “[...] but there is nothing more ingenious than Love, it was no hard Matter for her, who had before been practiced in these Wiles, to find a Way to let him discover her Sex: She first insinuated herself into his Liking, by talking against the Life of a Pyrate, which he was altogether averse to, so

Defoe também apresenta como Mary Read e Anne Bonny compartilharam seus segredos uma com a outra enquanto pensavam que ambas eram homens:

Esta era parte da evidência contra ela, que ela negou; o que, seja verdade ou não, é certo que ela não queria bravura, nem mesmo era menos notável por sua modéstia, de acordo com as noções de virtude: seu sexo não era sequer suspeito por qualquer pessoa a bordo até Anne Bonny, que não era tão reservada em Point of Chastity, teve uma simpatia especial por ela; em suma, Anne Bonny a tomou por um jovem e bonito companheiro e, por algumas razões mais conhecidas por ela mesma, descobriu seu sexo pela primeira vez para Mary Read; Mary Read, sabendo o que ela faria e sendo muito sensível à sua própria incapacidade dessa forma, foi forçada a chegar a um entendimento correto com ela e, portanto, para grande decepção de Anne Bonny, ela a deixou saber que ela também era uma mulher. ; mas essa intimidade perturbou tanto o capitão Rackam, que era o amante e galante de Anne Bonny, que ele ficou furiosamente ciumento, de modo que disse a Anne Bonny que cortaria a garganta de seu novo amante, portanto, para acalmá-lo, ela o deixou no Segredo também (Tradução nossa, DEFOE, 1999 [1724], p. 221).<sup>18</sup>

Anne Bonny foi uma pirata mulher que ingressou na pirataria também disfarçada. Entretanto, se aproximou amorosamente do seu capitão Calico Jack, ou John Rackan, de maneira que só ele sabia de seu disfarce. Quando Bonny engravidou, por exemplo, ela foi retirada da tripulação até dar a luz e em seguida voltou à vida no mar:

---

*they became Mess-Mates and strict Companions: When she found he had a Friendship for her, as a Man, she suffered the Discovery to be made, by carelessly shewing her Breasts, which were very white. The young Fellow, who was made of Flesh and Blood, had his Curiosity and Desire so rais'd by this Sight, that he never ceas'd importuning her, till she confessed what she was."*

<sup>18</sup> No original: *"This was Part of the Evidence against her, which she denied; which, whether true or no, thus much is certain, that she did not want Bravery, nor indeed was she less remarkable for her Modesty, according to the Notions of Virtue: Her Sex was not so much as suspected by any Person on board till Anne Bonny, who was not altogether so reserved in Point of Chastity, took a particular Liking to her; in short, Anne Bonny took her for a handsome young Fellow, and for some Reasons best known to herself, first discovered her Sex to Mary Read; Mary Read knowing what she would be at, and being very sensible of her own Incapacity that Way, was forced to come to a right Understanding with her, and so to the great Disappointment of Anne Bonny, she let her know she was a Woman also; but this Intimacy so disturb'd Captain Rackam, who was the Lover and Gallant of Anne Bonny, that he grew furiously jealous, so that he told Anne Bonny, he would cut her new Lover's Throat, therefore, to quiet him, she let him into the Secret also."*



[...] de modo que ela consentiu em fugir dele e ir para o mar com Rackam em roupas masculinas: ela era tão boa quanto sua palavra e, depois de ter estado no mar por algum tempo, ela provou ter uma criança e, começando a crescer, Rackam desembarcou ela na Ilha de Cuba; e recomendando-a lá a alguns amigos dele, eles cuidaram dela, até que ela foi trazida para a cama: quando ela estava de pé e bem novamente, ele mandou chamá-la para acompanhá-lo. (Tradução nossa, p. 230)<sup>19</sup>

Defoe descreve seu modo de agir da seguinte maneira:

Ela tinha um temperamento feroz e corajoso, portanto, quando ela estava sob condenação, várias histórias foram relatadas sobre ela, muito para sua desvantagem, como que ela havia matado uma criada inglesa uma vez em sua paixão com uma faca. , enquanto ela cuidava da casa de seu pai; [...] Era certo que ela era tão robusta, que uma vez, quando um jovem companheiro iria se deitar com ela, contra sua vontade, ela o espancou tanto, que ele ficou doente por um tempo considerável. (Tradução nossa, (DEFOE, 1999 [1724], p. 229).<sup>20</sup>

E finaliza suas biografias com um comentário sobre ambas marinheiras da tripulação de Calico Jack: "Em todas essas expedições, Anne Bonny o acompanhava e, quando algum negócio era feito em seu caminho, ninguém era mais ousado ou corajoso do que ela, principalmente quando eram levados; ela e Mary Read, com mais um, foram todas as pessoas que ousaram manter o convés, como já foi sugerido. (Tradução nossa, p. 230)".<sup>21</sup> Em paralelo, é válido observar como Defoe descreve Teach:

---

<sup>19</sup> No original: *"so that she consented to elope from him, and go to Sea with Rackam in Men's Cloaths: She was as good as her Word, and after she had been at Sea some Time, she proved with Child, and beginning to grow big, Rackam landed her on the Island of Cuba; and recommending her there to some Friends of his, they took Care of her, till she was brought to Bed: When she was up and well again, he sent for her to bear him Company."*

<sup>20</sup> No original: *"She was of a fierce and courageous Temper, wherefore, when she lay under Condemnation, several Stories were reported of her, much to her Disadvantage, as that she had kill'd an English Servant-Maid once in her Passion with a Case-Knife, while she look'd after her Father's House; [...] It was certain she was so robust, that once, when a young Fellow would have lain with her, against her Will, she beat him so, that he lay ill of it a considerable Time."*

<sup>21</sup> No original: *"In all these Expeditions, Anne Bonny bore him Company, and when any Business was to be done in their Way, no Body was more forward or courageous than she, and particularly when they were taken; she and Mary Read, with one more, were all the Persons that durst keep the Deck, as has been before hinted."*

Essa barba era preta, que ele deixou crescer em um comprimento extravagante; quanto à largura, chegava aos olhos; ele estava acostumado a torcê-lo com fitas, em pequenas caudas, à maneira de nossos Ramilies Wiggs, e girá-los sobre suas orelhas: em tempo de ação, ele usava uma bandagem sobre seus ombros, com três braçadeiras de pistolas, penduradas em coldres como cartucheiras; e colocou fósforos acesos sob seu chapéu, que aparecendo em cada lado de seu rosto, seus olhos naturalmente parecendo ferozes e selvagens, fizeram dele uma figura tal que a imaginação não pode formar uma ideia de uma fúria, do inferno, para parecer mais assustador. Se ele tinha a aparência de uma fúria, seus humores e paixões eram adequados a ela; relataremos mais duas ou três de suas extravagâncias, que omitimos no corpo de sua história, pelas quais parecerá a que nível de maldade a natureza humana pode chegar, se suas paixões não forem controladas (Tradução nossa, p. 48).<sup>22</sup>

Em paralelo, Defoe evoca elementos como a barba de Teach e a forma como ele a arrumava e entrava em batalha. Teach desempenhava uma espécie de performance proposital no momento em que entrava em batalha. Essa imagem reforçava sua fama enquanto pirata violento através de elementos visuais relacionados ao seu corpo. Entretanto, quando se observa os casos de Bonny e Read, percebe-se outras nuances da corporeidade. Até que seus disfarces tenham sido descobertos, as piratas não apenas eram entendidas como homens, mas como homens que desempenhavam papéis masculinos com maestria naquela comunidade, isto é, o trabalho de marinheiro.

É por essa razão que seus disfarces funcionaram: as masculinidades na pirataria moderna – e em outros meios – não dependem completamente do corpo sexuado generificado, mas de outros tipos de desempenho. Isto é, podemos observar condutas ditas como masculinas em seres biologicamente considerados mulheres, por isso Connell afirma que “As masculinidades não são programadas em nossos genes, nem fixadas pela estrutura social, antes da interação social. Eles passam a

<sup>22</sup> No original: ‘*This Beard was black, which he suffered to grow of an extravagant Length; as to Breadth, it came up to his Eyes; he was accustomed to twist it with Ribbons, in small Tails, after the Manner of our Ramilies Wiggs, and turn them about his Ears: In Time of Action, he wore a Sling over his Shoulders, with three Brace of Pistols, hanging in Holsters like Bandaliers ; and stuck lighted Matches under his Hat, which appearing on each Side of his Face, his Eyes naturally looking fierce and wild, made him altogether such a Figure, that Imagination cannot form an Idea of a Fury, from Hell, to look more frightful. If he had the Look of a Fury, his Humours and Passions were suitable to it; we shall relate two or three more of his Extravagancies, which we omitted in the Body of his History, by which it will appear, to what a Pitch of Wickedness, human Nature may arrive, if its Passions are not checked.*”

existir conforme as pessoas agem. Eles são produzidos ativamente, usando os recursos e estratégias disponíveis em um determinado ambiente social”(Tradução nossa, CONNELL, 2000, p. 12).<sup>23</sup> Mesmo que biologicamente localizadas na categoria mais oposta possível ao que se considera um homem, Anne Bonny e Mary Read não deixaram de “performar masculinidades”. E isso se deu em razão de que uma das faces das masculinidades piratas, embora estreitamente relacionada com o trabalho físico, não responde ou depende da parte biologicamente sexuada. Através de ambos os trechos é possível perceber que a materialidade dos corpos faz parte da fabricação de tipos específicos de masculinidades. Seja através do semblante que Teach carrega, seja através do desempenho de Bonny e Read em suas tarefas como marinheiros.

### **Considerações finais**

Embora a repercussão de *General History* constitua por si só um objeto de estudo, através da obra de Defoe é possível acessar uma parcela da forma como algumas comunidades piratas se organizavam, e, portanto, observar as nuances das relações de gênero ali estabelecidas. Diante do que foi exposto, tornou-se evidente que os homens do mar são fabricados – também – pelo gênero, de maneira que este atravessa outros campos daquela configuração social. Assim, a masculinidade não opera como uma característica pessoal do sujeito, mas como uma das nuances materiais através da qual as relações de gênero se manifestam, e isso ocorre tanto na esfera da sexualidade, da violência quanto no desempenho no cotidiano do mar e nos modos como os sujeitos operam na hidrarquia.

Um homem pirata masculino tinha relações sexuais com mulheres, consentidas ou não. Ele também podia incluir outros homens em suas relações sexuais sem ser desclassificado de sua categoria. Além disso, ele era mais masculino quanto melhor desempenhadas fossem suas funções e mais incisivo fosse seu comportamento, mesmo que este homem fosse uma mulher. Assim, a forma como essas relações eram construídas afetava a – e era afetada pela – forma como os

---

<sup>23</sup> No original: “*Masculinities are neither programmed in our genes, nor fixed by social structure, prior to social interaction. They come into existence as people act. They are actively produced, using the resources and strategies available in a given social setting.*”

*Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238

sujeitos nelas envolvidos agiam socialmente. Por fim, mesmo que a hidrarquia implique em um ambiente majoritariamente homosocial, fica atestada a relevância de considerar o gênero como um elemento estruturante das relações sociais, na medida em que este orientou e formou – em maior ou menor grau – o modo de agir dos sujeitos inseridos naquele meio social.

## Referências

### Fontes

DEFOE, Daniel. **A General History of the Pyrates**. Edição: Manuel Schonhorn. Nova York: Dover Publications, 1999 [1724].

### Bibliografia

BAJATTA, Andrés Ulpiano Alba. El Pirata Imaginario: **Charles Johnson Y La Representación Histórica De La Piratería**. Dissertação de mestrado em História. Centro de Investigación y Docencia Económicas - CIDE. Cidade do México, 2018.

BENTON, Lauren. **A Search for Sovereignty: Law and Geography in European Empires, 1400 – 1900**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BLAKEMORE, Richard. Thinking outside the gundeck: maritime history, the royal navy and the outbreak of British civil war, 1625-1642. **Historical Research**, v. 87, n. 236. p. 251-274. Maio, 2014. Disponível em Blakemore Thinking Outside the Gundeck.pdf (reading.ac.uk). Acesso em 28 dez 2021.

BRUNSMAN, Denver. Pirates vs. Press Gangs: The Battle for the Atlantic. Tradução: PINHEIRO, Marcos Sorrilha. **Revista História UNESP**, São Paulo, vol 38, p. 1-16, 2019. Disponível em: História São Paulo (unesp.br). Acesso em 23 jan 2022.

BURG, Barry Richard. **Sodomy and the perception of evil: English sea rovers in the seventeenth-century Caribbean**. 1ª Ed. Nova York: New York University Press, 1983.

BURG, Barry Richard. **Sodomy and the pirate tradition: English sea rovers in the seventeenth century Caribbean**. NYU Press, 1995.

CALIXTO, Daniel Garrido. **Las ordenanzas de corso y el marco de actuación corsario**. Tese de Doutorado, Universidad Carlos III de Madrid, Madrid, 2016.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, v. 20, p. 153-182, 1999.

CARVALHO FILHO, S. de A. A masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. **XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades**, p. 1-7, 2008.

CONNELL, Raewyn. **Gender and power: society, the person and sexual politics**. 1ª Ed. Oxford: Polity Press, 1987.

- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2ª Ed. Los Angeles: Califórnia Press, 2005.
- CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. 1ª Ed. Sidney: Allen & Unwin, 2000.
- COSTA, Nicássio Martins da. **Navegando em águas perigosas: A abordagem literária e a construção de estereótipos dos piratas caribenhos do Setecentos**. Dissertação de mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2016
- DE MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001
- DEFOE, Daniel. **A General History of the Pyrates**. Edição: Manuel Schonhorn. Nova York: Dover Publications, 1999 [1724].
- FARGE, Arlette. Virilidades populares. In: CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). **História da virilidade. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes)**. Petrópolis: Ed: Vozes, 2013. P. 495-523.
- FOX, Edward Theophilus. Pirate articles. **Piratical Schemes and Contracts: Pirate Articles and Their Society 1660-1730**. 2013. Tese de doutorado em Philosophy in Maritime History. University of Exeter. Londres, 2013. P. 45-90.
- HARDWICK, Julie. Gender. In: DOYLE, William (Ed.). **The Oxford Handbook of the Ancien Régime**. Oxford University Press, 2012. P. 183-200.
- JOWITT, Claire. 'Parrots and Pieces of Eight': Recent trends in pirate studies. **Literature Compass**, v. 1, n. 1, p. 1-23. 2004.
- KEEGAN, Nicole. Men and Matelotage: Sexuality and Same-Sex Relationships within Homosocial Structures in the Golden Age of Piracy, 1640-1720. Undergraduate Library Research Awards. 2021. Disponível em: Disponível na Internet via <[https://digitalcommons.lmu.edu/ulra/awards/2021/2?utm\\_source=digitalcommons.lmu.edu%2Fulra%2Fawards%2F2021%2F2&utm\\_medium=PDF&utm\\_campaign=PDFCoverPages](https://digitalcommons.lmu.edu/ulra/awards/2021/2?utm_source=digitalcommons.lmu.edu%2Fulra%2Fawards%2F2021%2F2&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages)>. Acesso em 06 ago. 2022.
- KING, Kathryn R. Introduction: Hans Turley, **Queer Studies, and the Open-Hatched Eighteenth Century**. **The Eighteenth Century**, p. 265-272, 2012
- LEESON, Peter. **The invisible hook: The Hidden Economics of Pirates**. 1ª Ed. New Jersey. Princeton University Press, 2009.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MAXWELL, Kenneth. Democracia Pirata. In: MAXWELL, Kenneth (Org.). **Chocolate, Piratas e outros Malandros: Ensaio Tropicais**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. P. 69-88.
- O'DRISCOLL, Sally. **The Pirate's Breasts: Criminal Women and the Meanings of the Body**. **The Eighteenth Century**, v. 53, n. 3, p. 357-379, 2012.

*Veredas da História*, [online], v. 15, n. 2, p. 9-30, dez., 2022, ISSN 1982-4238

PÉREZ, Milton Zambrano. Piratas, piratería y comercio ilícito en el Caribe. La visión del otro (1550-1650). **Historia Caribe**, Colombia, P. 23-56, 2007. Disponível em <Historia Caribe. 2007 - Dialnet (unirioja.es)>. Acesso em 25 out. 2021.

REDIKER, Marcus. **Between the Devil and the Deep Blue Sea: merchant seamen, pirates and the Anglo-American maritime world, 1700-1750**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ROSENTHAL, Laura J. **Cultural Studies and Pirate Studies: Straight on'til Morning. The Eighteenth Century**, v. 53, n. 3, p. 381-390, 2012.

SARTORETTO, Eduardo. **“Tengo el honor de ser el más obediente y humilde servidor de Vuestra Excelencia”**: uma análise das movimentações e práticas de corso e pirataria na Região do Rio da Prata (1810 – 1822). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Unesp, 1992.

TORRÃO FILHO, Amílcar. 2005. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho, P.127-152.

TURLEY, Hans. **Rum, sodomy, and the lash: Piracy, sexuality, and masculine identity**. NYU Press, 1999.

**Recebido em:** 13.01.2023

**Aprovado em:** 15.07.2023